

O USO DE NEOLOGISMOS EM PRODUÇÃO FONOGRAFICA

The use of Neologisms in Audio and Music Production

Dulce Helena SOARES (Faculdade de Tecnologia de Tatuí, Tatuí, São Paulo, Brasil)

RESUMO: *Este trabalho discorre brevemente sobre os motivos pelos quais neologismos são utilizados no campo da Produção Fonográfica, apresentando alguns termos e seus significados pesquisados a partir de traduções de textos na área. O conteúdo traduzido é proveniente da matriz curricular do curso de Produção Fonográfica da Fatec Tatuí e realizado pelo Núcleo de Traduções, um grupo de estudo constituído por alunos proficientes em língua inglesa e a docente da disciplina de inglês desse curso. Essa pequena pesquisa pretende converter-se em um glossário com a terminologia pertinente à área para proveito dos educandos.*

PALAVRAS-CHAVES: Neologismos; Produção fonográfica; Traduções; Terminologia

ABSTRACT: *This work aims to express the reasons why neologisms are used in Audio and Music Production in Brazil, showing some of the terms and their meanings from the research of the translations of texts in that area. The translated material comes from the study program of the Audio and Music Production course from Fatec Tatuí which was translated and investigated by the Translation Study Center - "Núcleo de Traduções", a study group constituted of English proficient students and the English teacher of the course. This little research intends to result into a glossary of the relevant terminology in the area for the pupils' gain.*

KEYWORDS: Neologisms; Audio and music production; Translations; Terminology

INTRODUÇÃO

Neologismos são utilizados no idioma de destino para reproduzir uma locução da língua de partida como um empréstimo, usar um decalque dessa locução adaptando-a à estrutura da língua de chegada, usar uma paráfrase ou explicação, ou até mesmo, criar um termo que siga o princípio da língua de chegada ou os princípios de construção de linguagem em áreas específicas. Na definição de Boulanger (1979, apud Bevilacqua e Killian, p.1720), neologismo é "uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceito numa língua".

Alves (p.119, 1984), por sua vez, estabeleceu três tipos de neologia: *formal*: neologismos criados através de derivação, composição, siglas, redução de palavras ou pela articulação de uma ou diversas sílabas que possuem um valor significante inédito; *semântica*: neologismos criados para atribuir um novo significado a um mesmo

segmento fonológico; e *empréstimo*: neologismos que resultam da adoção de um lexema estrangeiro.

Jesus (2012, p. 112 – 113) resumiu o processo de criação e expansão lexical em dois grandes tipos: formação no âmbito da própria língua e adoção e/ou adaptação a partir do conjunto lexical de uma língua estrangeira, empréstimo ou decalque, abordado neste trabalho por ser o mais utilizado na área fonográfica. Este tipo de neologismo recebeu as seguintes definições propostas por Haugen: *loanwords* – quando há a importação morfológica do termo sem substituição; *loanblends* – há substituição morfológica e importação; e *loanshifts* – substituição morfológica sem importação (Haugen, 14, p.213-5, apud Alves, 1984).

Os neologismos sobrevivem através de seu uso constante, porém ele, primeiramente, deve ser aceito e, portanto, amplamente difundido pelos falantes da sociedade em que ele se faz necessário. A aceitabilidade de um neologismo, então, está ligada à frequência em que o termo é empregado e a justificativa de seu uso é a urgência do realizar, ou seja, a velocidade em que a informação chega ao destinatário é mais rápida do que se ele for traduzido e, assim, qualquer ação ou resposta necessária resultante da comunicação será cumprida com mais rapidez.

Após ser consagrado como parte da dinâmica da língua, o novo termo é acrescentado ao dicionário, o que muda o léxico dessa língua. Há os que condenam o uso de palavras estrangeiras em seus idiomas, no entanto, o intercâmbio lexical de uma língua para outra sempre existiu, portanto, não há língua pura. Muitos autores afirmam que as mudanças em uma língua são importantes para sua sobrevivência. Segundo Boulanger (1979, p. 11, apud Assis, 2007), “Só permanecem vivas as línguas que se modificam, seguindo o curso do tempo, que se adaptam às circunstâncias e às novas necessidades, sem serem mumificadas por um conservantismo e um purismo excessivo”. Para Crystal (1987), a língua muda porque a sociedade muda, e Sandmann (1997, p.22, apud Assis, 2007) acredita que empréstimos resultam no enriquecimento de uma língua.

Nos domínios que envolvem tecnologias avançadas como, por exemplo, a Genética, a Nanotecnologia, a Biotecnologia, e a Microtecnologia, a terminologia padronizada internacionalmente compõe-se de termos na língua inglesa, independentemente do idioma oficial do país. Por questões políticas e econômicas, o inglês firmou-se como ferramenta básica para se ter acesso à tecnologia, à informação e à comunicação internacional na sociedade contemporânea. A produção fonográfica não é exceção a esse fenômeno. Os termos em inglês ou seus neologismos, também chamados de anglicismos, que são palavras ou expressões de origem inglesa utilizadas no português brasileiro, são utilizados por profissionais e amadores desse ramo. Neologismos surgem tanto da necessidade de nomear um objeto ou um conceito novo - cenário frequente na produção fonográfica, uma vez que equipamentos e softwares são criados para este mercado - como servem, também, para expressar ideias não tão originais de uma maneira nova - um panorama igualmente habitual na esfera fonográfica, pois, as mídias de gravação, do cilindro fonográfico feito de estanho

inventado por Thomas Edison, passando pelos discos de vinil e fitas cassetes às mídias digitais, estão em evolução contínua exigindo, assim, aprimoramento permanente do profissional de áudio.

A pequena lista de anglicismos aplicados na comunicação entre os técnicos de áudio exibida neste trabalho exprime o quanto outras línguas continuam cedendo palavras à língua portuguesa. Afinal, nosso idioma, o português brasileiro, origina-se de outro, o de Portugal, que também constitui-se de palavras de outras línguas, como o árabe e o francês, e por muitos anos dividiu espaço com palavras vindas de idiomas indígenas.

O decalque, a forma de neologismo mais próxima do original, é copiosamente aplicado no domínio da produção fonográfica, em geral, adaptado fonologicamente quando em discurso oral, assim como também em várias situações cotidianas do brasileiro que empresta milhares de termos provenientes do inglês. Um recurso de adaptação fonética do inglês para o português é silabar os estrangeirismos de acordo com a língua portuguesa. Por exemplo, a palavra *headroom* /hedru:m/ acaba ganhando uma sílaba a mais, acrescentando-se o som /ɪ / depois de /d/, sendo pronunciada /hedru:m/, como resultado, a palavra original contendo duas sílabas, torna-se trissílaba para os falantes da língua portuguesa. Outro exemplo, som do *th* /θ/, em *thin*, não tendo equivalente em português, é substituído pelo som / t /, além de outras adaptações comuns como a substituição do acento e pronúncia da palavra estrangeira para a tonicidade do português, tal como em *plug-in* /plʌɡɪn/, acento em / ' plʌɡ/, enquanto que o brasileiro pronuncia /plu: ' gi:n/ com acento em /gi:n/.

Muitas vezes, o especialista da área fonográfica utiliza a denominação em inglês sem averiguar a tradução ou a definição do vocábulo. O termo é empregado de forma natural e corriqueira, sem estranhamentos por parte dos interlocutores, pois tal vocábulo já faz parte da dinâmica desta área de trabalho. Há várias razões para que o empréstimo seja mantido. Uma delas é por não haver uma tradução satisfatória ou equivalente do termo, por exemplo, *juicy*, em áudio, refere-se ao som cheio de energia e vida e não suculento. Outra razão é porque o termo possui vários sentidos em diversas situações que haveria a necessidade de uma paráfrase para explicá-lo, caso do termo *pop* que designa o som propagado do ar que sai dos lábios ao pronunciar-se os sons /p /, /b / ou / t/ e choca-se ao microfone.

OBJETIVOS

O Curso Superior de Tecnologia em Produção Fonográfica da Fatec Tatuí foi criado no ano de 2010 em razão da cidade ser conhecida como Capital da Música pelo fato de abrigar o maior Conservatório Musical da América Latina. O curso propicia ao egresso a possibilidade de atuar em todas as etapas que envolvem a produção fonográfica. Em tecnologias para este setor, um dos mais importantes conteúdos curriculares do curso, o aluno adquire conhecimento prático e teórico sobre técnicas de

gravação, acústica dos instrumentos e ambiente, consoles digitais e analógicos, mixagem e masterização.

Visto que uma grande gama dos termos utilizados pelos profissionais dessa esfera é feita por neologismos, ou decalques, o que, muitas vezes, inviabiliza a total assimilação dos procedimentos por indivíduos suprimidos de competência na língua estrangeira, a criação do grupo de estudos e pesquisa em tradução no campo da indústria fonográfica – Núcleo de Traduções – na Fatec Tatuí tornou-se imprescindível e, desde o segundo semestre de 2017, vem propiciando informação e saberes relevantes de grandes profissionais/autores, uma vez que, além da terminologia, a literatura da área de ensino da produção fonográfica é, em sua grande maioria, em inglês. Similarmente, dentre os professores do curso de Produção Fonográfica contatados, a maioria utiliza as denominações em inglês nas explicações dos ensinamentos, e, ademais, a matriz curricular é instituída de livros nessa língua. Os anglicismos são empregados, por exemplo, para descrever o áudio (*muddy, flat, etc*), como nomeação de procedimentos realizados tanto dentro de um estúdio fonográfico, como em ambientes externos (*panning, reverb, delay, etc*), e para designar equipamentos (*preamp, DAW, etc*), e programas (*softwares*) e dispositivos de computador (*plugin*).

O principal objetivo do Núcleo de Traduções é realizar as traduções de textos sugeridos pelos professores das matérias prático-teóricas e legendagem de vídeo-aulas sobre o tema que serão abordados nas aulas. No entanto, outro propósito, surgido anteriormente à criação desse grupo de pesquisa, é de um glossário com a terminologia da área, que está sendo compilado concomitantemente às traduções em forma de memória de tradução que é base de dados que armazena os termos traduzidos previamente em um software de tradução e será disponibilizado aos discentes. Nesse ensejo, a pesquisa inicial dos anglicismos mais empregados na oratória dos locutores inseridos na área fonográfica está sendo desenvolvida pelo Núcleo de Traduções da Fatec Tatuí e uma pequena parte do resultado preliminar das investigações estão expostas neste artigo.

METODOLOGIA

Os participantes do Núcleo de Traduções da Fatec Tatuí são cinco (05) alunos proficientes na língua inglesa e a professora de inglês do curso, que revisa os textos e auxilia os outros em relação a dúvidas, discrepâncias de tradução, além de prover assistência tanto na competência tradutória como na utilização de *CAT-tools* - ferramentas de tradução assistidas por computador. O papel que cada membro desempenhará - tradutor, revisor ou tradutor-legendista - é escolhido durante as reuniões semanais ou quinzenais.

A partir de sugestões dos professores das matérias prático-teóricas do curso, há escolha e coleta dos textos que, em seguida, são divididos igualmente em número de páginas aos integrantes que produzirão a tradução. Discussões sobre as escolhas tradutórias e incertezas referentes aos significados de vocábulos são realizadas,

principalmente, através de um grupo de um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz, que é uma das ferramentas mais utilizadas para mensagens entre os participantes. Também, um endereço de e-mail e uma conta em um serviço de armazenamento e sincronização de arquivos em nuvem foram criados, em nome do Núcleo de Tradução, onde os textos fontes adotados e seus textos de chegadas ficam salvos.

Após a tradução, o texto, então traduzido, é revisado pelo revisor escolhido. Notas de rodapé explicando a definição dos vocábulos mantidos na LE, correções de uso de vocábulo inadequado e erros gramaticais são implementados neste estágio do trabalho. Revisão finalizada, a edição é efetuada com o propósito de que o texto de chegada fique idêntico ao texto de partida quanto à sua formatação, fontes tipográficas e imagens. Seu formato é em PDF e disponibilizado aos alunos do curso por via de um link para o local de armazenamento em nuvem.

Durante todo o processo, os professores das disciplinas práticas, todos profissionais da área de áudio e música, assessoram o Núcleo sempre que houver imprecisão, indeterminação ou dubiedade de algum termo, contribuindo, assim, com experiências e conhecimento ainda desprovidos pelos integrantes por serem ainda aprendizes de produtor fonográfico.

Nos textos já traduzidos, o grupo optou por manter os termos na língua de partida da mesma maneira como eles são utilizados coloquialmente, não apenas para evitar estranheza como também para que a leitura seja realizada com fluidez, sem grandes elucidações que freiam a análise da informação. Todavia, tais termos receberam notas de rodapé com suas definições para que o leitor tenha a opção de maior aprofundamento da compreensão, como no exemplo de um excerto do original (OWSINSKI, 2009:4) e da obra traduzida, a seguir:

“(...) The frequency response is also generally flatter than for a moving-coil microphone.”

“(...) A resposta de frequência é, também, mais *flat*² do que a de microfones de bobina móvel.”

E a nota de rodapé na tradução:

² *flat* em tradução literal “plano”, em áudio é quando não há atenuações ou ganho de intensidade (dB) nas frequências (Hertz).

Em uma segunda etapa de pesquisa, foram gravados áudios em português dos alunos do 6º semestre de Produção Fonográfica de uma atividade da aula de inglês em sala de aula, descrevendo um texto sobre os problemas que podem acontecer em um estúdio e como resolvê-los. É possível notar a desenvoltura dos falantes ao empregar os anglicismos com naturalidade:

“(...) encontra muitas *mixes* com vários *reverbs* em cada canal, né (...)

(...) Então, um jeito mais eficiente de trabalhar isso é usando auxiliares pós *faders*, *er*, fazendo *reverbs* pelos *sends* (...)
(...) não tem problema em você utilizar *presets* tanto de *plugins* nativos quanto de *plugins* de terceiros (...)
(...) se o *threshold* dele estiver acima do som ele não vai atuar porque o som não está chegando no limiar de compressão mesmo(...)
(...) isso se aplica a todos os *plugins* como *gates*, *limiters*, *expanders*, *triggers* etc (...)"

No discurso acima, um dos alunos faz uso, em um dos termos, tanto da língua de partida como na de chegada, demonstrando compreensão do significado. No entanto, como ele explicou mais tarde, decidiu optar pela LE (*threshold*) primeiramente por acreditar que, se usasse a definição em português (limiar), os outros alunos, talvez, não soubessem que ele discorria sobre a função *threshold* de um compressor. E, como a frequência do uso da palavra faz com que ela se integre à língua, no âmbito de produção musical, o estrangeirismo não causa estranheza, mas a língua nativa sim, o contrário do que esperaria-se de uma conversa informal corriqueira.

PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO

Durante os procedimentos tradutórios desenvolvidos pelo Núcleo de Traduções da Fatec Tatuí, um pequeno glossário da terminologia do ramo está sendo organizado. Conhecer a terminologia, expressões e formas de dizer de uma área específica ou de uma comunidade linguística também auxiliam na aquisição de subcompetência bilíngue, facilitando as escolhas tradutórias e, conseqüentemente, desenvolvendo subcompetências de tradução.

Os exemplos dos neologismos da língua inglesa em Produção Fonográfica e Tecnologia de Áudio (Tabela 1) levantados pela pesquisa do Núcleo de Traduções mostram que os discentes proficientes em língua inglesa do curso de produção fonográfica empregam os vocábulos na LE corretamente em conformidade com o contexto, adaptando-os à fonética da língua portuguesa, mas, em grande parte, desconhecendo seus significados e definições, o que prejudica um entendimento profundo e expressivo do conteúdo.

Após explicações sobre as definições de alguns dos vocábulos no decorrer das aulas de inglês do curso, verificou-se maior destreza dos alunos para a compreensão dos procedimentos técnicos necessários dentro de um estúdio fonográfico. Conseqüentemente, conhecer o significado dos termos estrangeiros em seu próprio idioma facilita a aquisição da aprendizagem dos procedimentos teóricos, ainda que os anglicismos continuem sendo utilizados constantemente. Sendo assim, transmitir a acepções dos neologismos necessários para os procedimentos de gravação, mixagem e masterização faz-se essencial no ensino profissionalizante eficaz de Produção Fonográfica.

Tabela 1

DENOMINAÇÃO (empréstimos)	DEFINIÇÃO/ TRADUÇÃO
AIFF (audio interchange file format)	Arquivo digital desenvolvido pela Apple
BITRATE	Taxa ou fluxo de Bits
BASS TRAP	Bloco de espuma colocado nos cantos da sala para reduzir as baixas frequências
BUFFER	Local de armazenamento temporário
CLIPPING/ CLIPAR (decalque)	A saturação de um sinal por excesso de ganho da amplificação
DAMPING	Amortecimento (uma forma de alteração do som)
DAW (digital audio workstation)	Estação de trabalho de áudio digital
DELAY	Atraso, um efeito de áudio
FADE	Mudança gradual de um nível de volume para outro
FADE IN	Mudança gradual de nível de volume crescente
FADE OUT	Mudança gradual de nível de volume decrescente
GROOVE	Marcação do som ou “levada” do som
HEADROOM	Quantidade de potência e volume entregues pelo amplificador antes que ele comece a distorcer
ISRC (International Standard Recording Code).	Código inserido em uma faixa de áudio durante ou após a masterização
LICK	Frase ou solo pequeno
LOOP	Trecho de áudio que pode ser multiplicado; marcação de um trecho de música para repetição
MIDI (Musical Instruments Digital Interface)	Protocolo digital de instrumentos musicais

MIX	Mixagem
OVERDUB	Gravação de uma nova faixa no mesmo sincronismo com outra faixa já gravada
PANNING	Determinar a posição do som no panorama sonoro
PLUGIN	Programa de computador que adiciona características específicas a outro programa
PREAMP	Pré-amplificador
PHANTOM POWER	Energia que alimenta o microfone através de cabos de áudio
PRESET	Parâmetros pré-definidos da fábrica em um equipamento
REVERB	Reverberação
RIFF	Progressão de acordes, intervalos ou notas musicais repetidas
SAMPLER	Aparelho que grava partes de músicas para uso futuro
TALKBOX	Aparelho para dar efeito robótico ao som de uma guitarra
THRESHOLD	Limiar
UV (unit volume)	Medidor de áudio que representa a percepção humana de volume ou intensidade de um som em equipamentos
.WAV (Waveform audio format file)	Formato padrão de arquivo de áudio
WIND SCREEN	Espuma para recobrir o microfone para proteção contra o vento

CONCLUSÃO

Este trabalho demonstra que o uso de neologismos na área de produção fonográfica é frequente e aceito naturalmente pela comunidade. Também expõe o fato de que os discentes do curso de produção fonográfica da Fatec Tatuí, com ou sem proficiência na língua inglesa, empregam os vocábulos corretamente em conformidade com o contexto, adaptando-os à fonética da língua portuguesa. Porém, para os inabilitados na língua inglesa, desconhecer seus significados e definições demanda maior esforço no aprendizado das técnicas e métodos de produção fonográfica.

O estudo também revela que os problemas terminológicos surgidos durante o processo de tradução como, por exemplo, a identificação de equivalentes na língua de chegada, as dúvidas sobre as definições corretas dos neologismos, evidencia a carência de um glossário com a terminologia utilizada nessa área para auxiliar a transmissão de saberes aos profissionais de produção fonográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFARO, C. e DIAS, M. C. Sistemas de Tradução por máquina: ferramentas de auxílio à tradução. *Tecgraf*. Disponível em: <http://webserver2.tecgraf.puc-rio.br/~carolina/ferramentas.html>. Acesso em 30/04/2018.
- ALVES, I. M. 1984. *A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português*, São Paulo.
- ASSIS, A. G. B. de. 2007. *Adaptações fonológicas na pronúncia de estrangeirismos do Inglês por falantes de Português Brasileiro*. Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- BEVILACQUA, C. e KILLIAN, C. 2017. Tradução e Terminologia relações necessárias e a formação do tradutor, *Domínios de Lingu@gem*, **5**, p. 1707-1726, Uberlândia.
- CAMPOS, T. e LEIPNITZ, L. 2017. Competência tradutória: o desenvolvimento da subcompetência sobre conhecimentos em tradução, *Domínios de Lingu@gem*, **5**, p. 1727-1745, Uberlândia.
- COSTA, P. R.; MARINI, S. 2013. Entrevista com Carsten Sinner. *In-Traduções Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC*, **7**, p. 68-76, Florianópolis.
- CRYSTAL, D. 1987. *The Cambridge encyclopedia of language*, p. 14-16. Universidade de Cambridge, Inglaterra.
- HAMANN, R. 2009. Mídias de Armazenamento 50 anos de história. *Tecmundo*. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/3231-midias-de-armazenamento-50-anos-de-historia.htm>. Acesso em 09/07/2018;
- IZHAKI, R. 2008. *Mixing Audio: concepts, practices and tools*. Elsevier, EUA.
- JESUS, A. M. R. de. 2012. Empréstimos, tradução e uso na prática terminológica. *TradTerm*, São Paulo, **20**, p. 111 – 128. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49047/53118>. Acesso em 30/04/2018.

- OWSINSKI, B. 2017. *The recording engineer's handbook*. Segunda edição, Cengage. EUA.
- SOUZA, J. P. de. 1998. Teorias da Tradução: Uma Visão Integrada. *Revista de Letras*, 20. Universidade Federal do Ceará, Ceará.
- VICENTE, E. 2002. *Música e disco no Brasil: a trajetória da indústria nas décadas de 80 e 90*. Escola de Comunicação e Artes, São Paulo.
- VICENTE, E. et al. 2008. Segmentação e consumo: a produção fonográfica brasileira-1965-1999. *ArtCultura*, 16, p. 103-121, São Paulo.